

manos como poder capaz de re-organizar e re-orientar suas intervenções práticas no mundo, na vida, na sociedade, na história, no conhecimento. Creio que essa confiança pode autorizar que sejamos caracterizados como herdeiros tardios da tradição das Luzes, o que não deve ser tomado como justificativa de nenhuma insuficiência concreta em nossa capacidade de integração no mundo em que vivemos, mas convido os leitores a acompanharem o esforço, que se evidencia no texto, por retomar os fundamentos dessa confiança na Razão, inspirados sobretudo no aproveitamento das contribuições da Escola de Frankfurt, e particularizá-los em uma reflexão crítica sobre a ciência epidemiológica.

Tornou-se também característica da 'escola', por exigência desse iluminismo de inspiração marxista, que a virtude da *Esperança*, como a Moisés na terra de Moab (Deuteronômio, 34), sempre se nos tenha sido exigida, menos como norma moral que como valor histórico objetivo para os seres humanos, pois escolhemos um caminho que impugna a plena realização de nossos valores nos prazos de nossas vidas individuais e de execução de nosso trabalho coletivo.

Entretanto, se é evidente nossa dificuldade para resolver os impasses práticos que essas opções implicam, será talvez porque é grande nossa dificuldade em superar a dicotomia, de origem positivista, entre esses valores e nossas práticas de investigação e ensino. Eis aqui possivelmente, no contexto menor da 'escola' de onde inicia seu movimento, o maior dos méritos do trabalho de José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres: em sua contribuição para superar as contradições derivadas dessa dicotomia. Não posso me furtar a convidar os leitores a começarem a leitura pela última parte ('Nós e a epidemiologia') para justificar minha apreciação de que os valores ali inteiramente expostos, embora aparentemente, apriorísticos e abstratos, se reconstruam como conhecimento objetivado durante o conjunto todo da exposição, lida desde o começo. Encontram-se sempre presentes, como fundamento ético da subjetivação do objeto que o autor constrói. Melhor ainda do que isso: por causa

de sua progressiva penetração na problemática que vai sendo tecida e resolvida, não serão encontrados sempre com o mesmo significado, mas se desdobrarão de si mesmos objetivando-se progressivamente mais e mais, afastando-se de toda aparência de preceitos morais abstratos.

Creio que essas observações são suficientes para justificar a afirmação que fiz, no início, de que se trata de um trabalho de grande fôlego, às quais devo acrescentar, agora, a de que se trata de um trabalho de excepcional qualidade, se avaliado no âmbito particular da 'escola' em que tem origem, o que me parece um critério muito adequado, ainda que longe de ser exclusivo.

Acrescente-se que mais fortemente o mérito do autor se evidencia, no contraste com esse contexto de origem mais imediato, se considerarmos que sua individuação como pensador, no interior de uma tradição, se dá pela confrontação com as tendências "normalizantes" que ela apresenta, e vem por isso trazer-lhe nova vitalidade, imprimir-lhe uma inflexão em sua história da qual ela não pode mais recuar. Das aberturas proporcionadas por este trabalho esperamos poder renovar nossa Esperança, torná-la mais empreendedora, sábia e corajosa, e poder colaborar melhor para que o 'precioso legado', de que nos fala o texto em suas últimas linhas, se consolide como um presente realizado.

Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves

Doutor em medicina preventiva da
'Universidade de São Paulo

AS CIÊNCIAS DA AIDS E A AIDS DAS CIÊNCIAS: O DISCURSO MÉDICO E A CONSTRUÇÃO DA AIDS

Kenneth Rochel de Camargo Jr.
Rio de Janeiro, ABIA/IMS-UERJ/Relume
Dumará, 1994.

"Ceci n'est pas un écrit épistémologique", alerta o autor (p. 17): como o cachimbo de

Magritte, não pode deixar de sê-lo. Desde que Latour popularizou a aventura de abrir as “caixas-pretas” da ciência, a epistemologia tornou-se uma das fronteiras do trabalho de pesquisa social; viramos epistemólogos enquanto antropólogos e sociólogos da ciência. Empréstimo imagens da medicina, esqueteamos e estripamos, como na anatomia, e chegamos a um perturbador avesso dos artefatos da produção científica, colocando em dúvida a confiança que depositamos no produto final (como tudo pode ser feito com tanta arbitrariedade?); desenvolvemos técnicas de acompanhar o funcionamento do sistema, como na fisiologia, e chegamos a outro perturbador cenário, onde por trás do nobre trabalho da pesquisa científica pululam os vis interesses dos grandes financiamentos ou dos mesquinhos orgulhos pessoais. Ultrapassado o limite tradicional da sociologia da ciência que separa “externalistas” e “internalistas”, viramos *voyeurs* da abertura das “caixas-pretas” que antes se mantinham invisivelmente na paisagem.

Nestas condições, entender as dimensões sociais da produção científica não é enumerar e estratificar as categorias sociais envolvidas no processo, ou a acessibilidade dos seus resultados, mas olhar para o processo mesmo que gera os enunciados científicos e os consagra. Nem o trabalho se restringe a averiguar a consistência lógica, veracidade, verificabilidade dos enunciados, mas também a entender como são socialmente produzidos, que significados se lhes associam, que funções desempenham, que marcas sociais e culturais trazem implícitas. Por isso a análise social da ciência é e não é um trabalho de epistemologia.

As ciências da Aids e a Aids das ciências, de Kenneth Camargo Jr., que antes de mais nada devemos saudar não só como uma contribuição de excepcional qualidade no campo da metarreflexão sobre o campo biomédico, mas também como uma excelente documentação sobre o processo de desenvolvimento e fixação dos enunciados científicos relativos à Aids, dá-nos uma dose suplementar de reflexão epistemológica. Ao longo de um trabalho de arqueologia do saber à maneira de Foucault, em que examina atentamente a su-

cessão de enunciados que, enquanto ciência, foram servindo de suporte a nossas atitudes e práticas em relação à Aids, no plano clínico, pessoal ou político, o autor comenta, não sem mordacidade e ironia, as inconsistências lógicas e a pobreza filosófica de alguns desses enunciados. Partindo da compilação dos artigos que identificaram e consolidaram o conhecimento da nova patologia — da “pneumonia por *Pneumocystis carinii* em homossexuais previamente saudáveis”, e subsequentes investigações epidemiológicas e definição de grupos de risco, à consolidação de uma etiologia viral e cristalização da Aids enquanto “infecção por HIV” —, o autor apresenta-nos uma sucessão de construções discursivas que transformam problemas em fatos e que, ao perder durante a narrativa seu caráter problemático e questionável, se transformam em verdades científicas. Trilhando o caminho inverso, de problematizar o estabelecido e reconstituir a história de sua produção, a “arqueologia” das ciências da Aids proposta pelo autor deixa-nos perante paradoxos e interrogações particularmente perturbadoras, uma vez que a Aids é, inegavelmente, uma categoria de sofrimento humano para a qual gostaríamos de ter os melhores instrumentos científicos e médicos, e não a sucessão de quase-arbitrariedades que a desconstrução crítica nos revela.

Porém, *As ciências da Aids...*, embora se declare antiessencialista, não é mais um livro na linha do desconstrutivismo pós-estruturalista e pós-moderno que ocupa grande parte do comentário social sobre a epidemia da Aids. Um fio condutor, denunciado na Introdução e admitido pelo próprio autor nas notas finais, integra e estrutura esta narrativa que potencialmente aumentaria nosso ceticismo e desencanto pós-moderno: Camargo Jr. é também um médico preocupado com a medicina, e sua indignação fundamental é que a medicina que temos, praticada e desenvolvida nas premissas da competitividade da pesquisa científica e alienada no complexo entrelaçado social que hoje sustenta a produção da ciência e a definição das verdades, se perca da sua vocação básica de arte de

curar. Quase despercebida, na nota final, a confissão de que talvez haja esperança, se se conseguir manter a reflexão crítica dos médicos sobre medicina e ciência; na verdade, a confissão de que esta obra não se constitui em um comentário niilista, mas em uma intervenção no sentido de, ampliando os instrumentos reflexivos, resgatar aquela possibilidade e dar ainda uma chance ao projeto moderno das ciências biomédicas. Não é então gratuito nem paradoxal que, retrospectivamente, as seções relativas aos clínicos com experiência em Aids no Rio de Janeiro (onde se trabalha o desespero da Aids em desesperantes condições de infraestrutura) proporcionem uma leitura menos perturbadora que as restantes: ali se consegue fazer a síntese que resgata, como aponta o autor, “o universo de valores subjetivos que em tese deveriam nortear o exercício da medicina” (p. 155).

Cristiana Bastos

Antropóloga, Instituto de Ciências Sociais da
Universidade de Lisboa

SECOND CONFERENCE OF THE BRAZILIAN STUDIES ASSOCIATION

The Second Conference of the Brazilian Studies Association (Brasa) met during 11-13 May 1995 at the University of Minnesota, in Minneapolis. Brasa was founded and conducted its first conference, in March of last year in Atlanta, Georgia, meeting in conjunction with the conference of the Latin American Studies Association. Brasa now has more than three hundred members, comprised of academic specialists on Brazil from the United States, Brazil, Europe, and Latin America. A hundred members attended this year's conference. Brasa headquarters are located at the Latin American Institute of the University of New Mexico.

A sad occurrence overshadowed the second conference insofar as one of Brasa's founders and its vice-president and president-elect, prof. Roberto Reis, died in

sporting accident last December. A highly reputed literary scholar, he was to have hosted the Minnesota conference and had already laid the groundwork for its occurrence. Fortunately, it was able to continue due to the support of the University of Minnesota and its Department of Spanish and Portuguese. Prof. Reis' wife, Mrs. Antônia, also greatly aided in the success of the conference.

The conference was opened by the consul general of Brazil in Chicago, the hon. Guilherme F. da Cunha Bastos. During the plenary meeting a successor to prof. Reis was elected. The new vice-president/president-elect of Brasa is the noted historian, prof. Elizabeth Kuznesof, of the University of Kansas. Also discussed in the plenary was planning for the Third Brasa Conference, which will be held at King's College, Cambridge University (England) in September of next year.

Several dozen papers dealing with Brazilian culture, education, history, land reform, language, libraries, literature, national security, politics, women's studies, and numerous other topics were presented and discussed. Below is a list of the those papers which will be published in the *Proceedings of the Second Brasa Conference*.

Individual further interested in Brasa may contact its president, prof. Jon Tolman, of the Department of Spanish and Portuguese at the University of New Mexico (Albuquerque, NM 87131).

Conference Presentations

Marta Almeida (University of Florida) — *Portuguese Pronoun Use and Elements of Style as Indicators of Political Ideology: A Descriptive Analysis of the Speeches of Two Female Brazilian Public Figures*

Junia de Castro Magalhães Alves (Universidade Federal de Minas Gerais) — *The Dialectics of Family and Gender in Toys in the Attic and Jorginho o machão*